



Tear Online é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

O CONCEITO DE CÉU NO JUDAÍSMO, NO CRISTIANISMO E NO ISLAMISMO: O QUE PENSA A SOCIEDADE PÓS-MODERNA SOBRE ESTE ASSUNTO?

The concept of heaven in Judaism, Christianity and Islam: what does postmodern society think about this subject?

Tiago Dias de Souza *

Resumo:

Os relatos históricos contidos no Antigo e Novo Testamento, que datam de séculos atrás, oferecem conforto, paz, contentamento, segurança e esperança para os indivíduos que habitam a sociedade contemporânea. Além disso, o conceito de céu é amplamente abordado tanto na literatura bíblica quanto na islâmica. Este estudo se propõe a apresentar um breve desenvolvimento histórico do conceito de céu nas tradições do judaísmo, cristianismo e islamismo, explorando suas nuances e significados ao longo do tempo. Por fim, será discutido o que implica a noção de céu e vida eterna no contexto da sociedade pós-moderna. A análise buscará compreender como esses conceitos antigos se relacionam com as opiniões e valores contemporâneos, refletindo sobre a relevância e a interpretação que as pessoas atribuem essas ideias em um mundo marcado por mudanças rápidas e profundas.

Palavras-chave: Céu. Judaísmo. Cristianismo. Islamismo. Pós-modernidade.

Abstract:

The historical accounts contained in the Old and New Testaments, which date back centuries, offer comfort, peace, contentment, security and hope for individuals who inhabit contemporary society. Furthermore, the concept of heaven is widely covered in both biblical and Islamic literature. This study aims to present a brief historical development of the concept of heaven in the traditions of Judaism, Christianity and Islam, exploring its nuances and meanings over time. Finally, what the notion of heaven and eternal life implies in the context of postmodern society will be discussed. The analysis will seek to understand how these ancient concepts relate to

* Doutorado (Tradições e Escrituras Sagradas) e Mestrado em Teologia (Leitura e Ensino da Bíblia) pela Escola Superior de Teologia - Faculdades EST. Especialização - MBA em Liderança Pessoal e Eclesiástica pela Universidade Adventista de São Paulo (UNASP-EC). Bacharelado em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano e Bacharelado em Teologia pelo Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (SALT-UNIAENE) Cachoeira - BA. Atua como professor de Novo Testamento, Grego, Filosofia e Cristianismo no SALT-FAAMA (Sede - Faculdade Adventista da Amazônia). E-mail: pr.tiogodias@hotmail.com

contemporary opinions and values, reflecting on the relevance and interpretation that people attribute to these ideas in a world marked by rapid and profound changes.

Keywords: Heaven. Judaism. Christianity. Islam. Postmodernity.

1 Introdução

A palavra “céu” é muito antiga, pertence ao domínio público, consagrada pelo uso. Segundo Libânio e Bingemer, “o emprego da palavra céu evoca a ideia de “lugar” ou “espaço” [...], sua evocação remete ao alto, ao transcendente, àquilo que está acima do homem”.¹

O céu, em suas diversas interpretações, tem sido uma constante na espiritualidade e nas aspirações dos fiéis ao longo da história. Para as três grandes religiões monoteístas (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo) ele é visto como um destino de serenidade e contentamento, refletindo a busca por um estado de bem-estar eterno.

Segundo os registros históricos disponíveis, a trajetória do povo hebreu remonta aproximadamente ao ano 2200 a.C. Originários de um dos principais centros comerciais da época, a Palestina, os hebreus pertenciam ao grupo semita e se destacavam pelo monoteísmo, que constituía uma de suas crenças religiosas fundamentais. Essa característica diferenciava-os de muitos outros povos contemporâneos, que praticavam o politeísmo.

A Bíblia se apresenta como a principal fonte de informação sobre a história e a cultura dos hebreus, destacando a figura dos patriarcas, entre os quais se sobressaem Abraão, Isaac e Jacó. Dentre eles, Abraão é considerado o mais proeminente, uma vez que recebeu a promessa divina que seria transmitida aos seus descendentes, incluindo Isaac e Jacó, que mais tarde atualizaria o nome para Israel, conforme a tradição bíblica.

No contexto da Bíblia, a noção de céu apresenta uma consistência notável, refletindo as referências do povo hebreu sobre o reino celestial. É importante ressaltar que a concepção hebraica do espaço difere significativamente da compreensão

¹ LIBÂNIO, João B; BINGEMER, Maria Clara L. **A libertação na história: escatologia cristã.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1985. p. 264-265.

contemporânea, uma vez que eles não possuíam conhecimento sobre as vastas distâncias que separam os corpos celestes, como estrelas, sol e lua. Apesar dessas limitações, é evidente que os hebreus mantinham uma opinião em um céu que poderia ser descrita como estelar.

A visão hebraica do céu, portanto, revela uma perspectiva teológica que transcende a mera observação astronômica. Embora sua compreensão do cosmos fosse limitada, a ideia de um céu celestial permeava suas ideias e práticas religiosas, estabelecendo uma conexão espiritual com o que consideravam ser o domínio divino. Essa concepção, embora rudimentar em termos científicos, contribuiu para a identidade de um papel fundamental na formação de sua cultura e religião.²

É relevante destacar que a noção de céu presente no Antigo Testamento apresenta certas semelhanças com diversas correntes de pensamento da antiguidade oriental. Essas semelhanças podem ser observadas nas concepções metafísicas e espirituais que permeiam tanto as tradições hebraicas quanto as orientais, refletindo uma busca comum para compreender a relação entre o humano e o divino. Além disso, a intersecção entre as ideias sobre o céu no Antigo Testamento e as filosofias orientais antigas sugere um diálogo cultural que transcende fronteiras geográficas e temporais. Essa convergência de pensamentos pode enriquecer a compreensão das crenças religiosas e das visões de mundo que moldaram as sociedades da época, evidenciando a complexidade das influências mútuas entre diferentes tradições espirituais.³

Em diversos textos hebraicos classificados como pseudoepígrafos, é comum observar referências ao céu, revelando uma variedade de interpretações sobre o número de céus existentes. Essas menções refletem a diversidade de pensamentos e crenças que permeiam a literatura hebraica, evidenciando a complexidade do conceito de céu na tradição. A análise desses escritos revela que os autores frequentemente abordam a temática do céu de maneiras distintas, o que sugere uma pluralidade de visões sobre a estrutura celestial. Essa multiplicidade de céus não

² CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopédia de Bíblia de teologia e filosofia**. 5. ed. São Paulo: Hagnos, 2001. p. 708.

³ BROWN, Colin; COENEN, Lothar (Org.). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.p. 342.

apenas enriquece a compreensão teológica, mas também oferece um panorama fascinante sobre as concepções cosmológicas presentes na literatura hebraica antiga.

Alguns escritos apocalípticos falam apenas de um só céu (Enoque Et., 4 Ed, Bar. Sér.). Outros falam de três céus (Test. Levi 2-3, conforme texto original), de cinco céus (Bar. Gr.). Enoque SI, Test. Abr., e a tradição rab. falam de sete céus. [...]. Em certos escritos o Paraíso se localiza no céu, ou no terceiro [...].⁴

Além disso, há uma variedade de relatos sobre diversas tradições que envolvem a cidade sagrada de Jerusalém, assim como reflexões sobre o trono divino. Essas narrativas não se restringem unicamente às religiões de origem bíblica. A interconexão entre o humano e o divino, bem como entre o mundo terrestre e o celestial, é um tema que transcende os textos hebraicos. O conceito de céu é igualmente presente nas tradições religiosas que não se considera de origem bíblica, como é o caso do islamismo. Essa diversidade de interpretações, sobretudo, evidencia a complexidade da relação entre o sagrado e o profano, refletindo a busca humana para compreender o transcendente em diferentes contextos culturais e espirituais.

Esta pesquisa consiste em um levantamento bibliográfico, ao qual se adiciona uma análise original. A abordagem utilizada é de natureza qualitativa; no que diz respeito à especificidade, ela é pura; em relação à natureza, trata-se de um resumo; e, quanto aos objetivos, são de caráter descritivo. A investigação é fundamentada em uma revisão de literatura, complementada por uma análise pessoal.

2 Judaísmo

Considerada a primeira das grandes religiões monoteístas, o judaísmo é originário do povo hebreu, a base teológica de suas crenças está fundamentada no Antigo Testamento.⁵

O judaísmo começa com a ideia de um Deus único. Este é o ponto inicial da religião judaica. O mundo do judaísmo se assenta sobre três pilares: a Torá, as boas ações e a adoração. [...]. Desde que somos igualmente preciosos à sua vista, devemos aprender a encarar uns aos outros, através dos olhos de Deus. [...]. Embora o judaísmo não tenha credos específicos, escrituras sagradas, leis, profecias e tradições refletem 3.500 anos de vida espiritual. O texto religioso básico é a Torá, ou Pentateuco, que abrange os cinco primeiros livros da Bíblia (os livros restantes - conhecidos pelos cristãos como Velho Testamento – salmos e profecias. Outras obras importantes são o

⁴ COENEN; BROWN, p. 342.

⁵ RODRIGEUS, 2013, p. 32.

Talmud (coleções de leis que inclui o Mishná, compilação em hebraico das leis orais, e o Gemará, comentários dessas leis, em aramaico, feitos pelos rabinos).⁶

O judaísmo se destaca como uma das primeiras tradições religiosas a adotar a crença em um único Deus. Abraão, figura central dessa fé, emergiu como um dos primeiros monoteístas, desafiando as normas de um contexto predominantemente educado.

De acordo com Tenney “o início do judaísmo deve ser considerado como começando com o exílio babilônico por volta de 587 a.C quando os babilônicos devastaram Jerusalém”.⁷

Entre os judeus, havia a crença de que os justos viveriam, após a sua ressurreição, no jardim, ou no “paraíso” do Éden [...]. O conceito de paraíso entre os judeus pré-cristãos era, assim, muito variável, e dava impressão de que o conceito cumpriu papéis diferentes.⁸ Muitos também acreditavam que o paraíso estava escondido em algum lugar; e ali viveriam os justos e os patriarcas eternamente.

Embora os judeus acreditassem na existência de múltiplos céus, sua concepção sobre essa pluralidade era bastante consistente. Eles sustentavam a ideia de que havia sete céus, nos quais Deus e os seres celestiais residem, exercendo assim sua autoridade sobre o universo.

Os rabinos tinham como doutrina padrão o ensino de que há 7 céus. Para eles, a glorificação consiste em passar de um nível de ser para o próximo, [...]. Além disso, os diversos compartimentos do templo de Jerusalém seriam um retrato simbólico das divisões dos lugares celestiais, simbolizando um acesso gradual e crescente a Deus, e terminando no Santo dos Santos, o próprio lugar da habitação de Deus. [...]. Há certas nuances de significado, dependendo dos respectivos contextos.⁹

3 Cristianismo

Com suas raízes no judaísmo, o cristianismo se desenvolveu ao longo dos séculos, atraindo milhões de adeptos em todo o mundo. A concepção de um céu,

⁶ SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. **Dicionário enciclopédico das religiões**. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes: Campus, 1995. p. 1472.

⁷ TENNEY, Merrill C. (Org.). **Enciclopédia da Bíblia**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.p. 754.

⁸ TENNEY, 2008, p. 757.

⁹ CHAMPLIN, Russell Norman. **O antigo testamento interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Hagnos, 2000. p. 3996.

como parte fundamental de suas crenças, reflete a busca por uma vida eterna e a esperança de salvação entre os fiéis.

Todavia a palavra “céu” foi usada no Antigo e Novo Testamento com diversos significados. Não resta dúvida de que os escritores bíblicos empregaram a expressão “céu” várias vezes, e nem sempre eles estavam se referindo ao mesmo assunto, mas, o fato é que a utilizaram centenas de vezes. Geralmente “quando a palavra “céu” aparece na Bíblia ela refere-se, exceto quando seu uso é figurativo, a uns três reinos – ao espaço atmosférico imediatamente acima de nós, aos céus estelares que devem basicamente abraçar o universo, e ao céu como a habitação de Deus”.¹⁰

Embora a Bíblia afirme que Deus é ilimitado e que ninguém pode restringi-lo, é notável que os autores bíblicos apresentam o céu de maneira segmentada ou em diferentes níveis. Essa abordagem sugere uma tentativa de compreender a vastidão divina através de uma estrutura que, embora pareça contraditória, reflete a complexidade da experiência espiritual e a tentativa humana de categorizar o sagrado.

Todas as sete palavras usadas no AT e no NT, que se referem ao céu, contêm a ideia de moradia ou habitação. A palavra básica é “tabernáculo”, referindo tanto ao Tabernáculo erguido por Moisés quanto ao Tabernáculo que o Senhor armou, não o homem (Hb 8.2; 9.11). A ideia da habitação de Deus em um templo sobre a terra é paralela a sua habitação no céu (1R 8. 12,13). A palavra “santuário” é usada em referência à habitação de Deus no Tabernáculo (Ex. 25.8), mas também em relação ao lugar santo do céu (Hb 8.2; 9.8,12). [...] A palavra que aparece com maior frequência com referência ao céu, tanto apontando para as estruturas terrenas quanto ao céu da habitação de Deus, é “casa” [...].¹¹

Os ensinamentos da Igreja Cristã Primitiva em geral a respeito da recompensa dos justos não são diferentes do que a Bíblia ensina. Pode-se observar em alguns escritos do primeiro ou início do segundo século, como por exemplo, o Didaquê¹² e as Odes de Salomão, textos fazendo menção à recompensa do salvos.

“Benditos são, ó Senhor, os que estão plantados em Tua terra e que têm um lugar no Teu paraíso” (11:18). Mais adiante: “Na verdade, há no Teu paraíso muitas moradas. E não há nada nele que seja estéril, mas tudo é frutífero” (v. 23). Para o antigo pensamento cristão, o Céu era concebido como um lugar onde os fiéis desfrutam uma vida cheia de alegria. [...] No evangelho de Tomé, do segundo século, há uma breve descrição do paraíso: “Pois tendes cinco árvores no paraíso, que não se abalam nem no verão nem no inverno,

¹⁰ TENNEY, 2008, p. 1021.

¹¹ TENNEY, 2008, p. 1022.

¹² Conhecida como doutrina ou instrução dos doze apóstolos.

e cujas folhas não caem. Aquele que as conhece não prova da morte” (19). Para Gregório de Nazianzo (c. 329-390), o crente encontra no Céu não só libertação dos problemas desta vida, mas passa a desfrutar de um pleno conhecimento de Deus e da proximidade com a presença divina. Nos poemas de Efraim da Síria (4 século), o paraíso possuía três divisões. Seu único rio fluía sob o trono no jardim, dividindo em quatro braços.¹³

O termo paraíso pode igualmente ser associado ao conceito de céu. Diversos autores da Igreja Cristã empregaram essa expressão em suas obras, tratando-a como simbólica de "céu". Assim, a utilização da palavra paraíso por esses escritores revela uma conexão entre o estado de bem-aventurança e a ideia de um reino celestial, refletindo a visão espiritual da época.

Agostinho, por exemplo, fala do “céu” como “um lugar de felicidade onde a presença do bem é constante, e onde a vida consiste em um longo e constante louvor de exaltação a Deus”.¹⁴

O cristianismo apresenta certas semelhanças com algumas religiões, eles têm o céu como o lugar da supremacia divina.

4 Islamismo

O Islamismo é uma das maiores religiões do mundo, “teve sua origem em Meca na Arábia por volta do ano 610 d.C”¹⁵ pelo seu fundador Maomé que “acabou por acreditar que estava recebendo mensagens de Deus, que deveria transmitir aos seus concidadãos de Meca”.¹⁶ Estas mensagens reveladas por Deus “foram mais tarde compiladas e formaram o Corão”¹⁷ livro sagrado dos muçumanos. Mesmo estando cercada por regiões onde o cristianismo predominava e que os muçumanos também mantinham contato, o seu avanço foi tão rápido que se tornou “a segunda religião do mundo contemporâneo”¹⁸, atrás apenas do cristianismo.

É importante ressaltar que o livro consagrado do islã faz alusão à fé crista:

O alcorão faz referências ao cristianismo. Embora reconhecendo determinadas qualidades em particulares, como a humildade (5:85) e certo grau de comunhão entre os cristãos (2: 136; 29:46), o livro sagrado islâmico

¹³ DEDEREN, 2011, p. 1061.

¹⁴ DEDEREN, 2011, p. 1061.

¹⁵ BEAVER, R. Pierce *et al.* **As religiões do mundo: do primitivismo ao século XX**. Tradução de Manuel Cordeiro. São Paulo: Melhoramentos, 1996. p. 311.

¹⁶ BEAVER, 1996, p. 311.

¹⁷ BEAVER, 1996, p. 311.

¹⁸ REEBER, Michel. **Religiões: mais de 400 termos, conceitos e ideias**. Tradução de Luiz Cavalcanti Guerra. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. p. 142.

critica certas crenças cristãs básicas, incluindo a filiação divina de Jesus Cristo e a doutrina da Trindade.¹⁹

Não são apenas crenças com respeito à humildade, comunhão com os irmãos e caridade que os muçulmanos têm em comum com outras religiões,²⁰ o “céu” também é tido como algo comum para eles, e está repleto de citações em seu livro sagrado – o Alcorão ou Corão.

Além de acreditarem que Deus (Alá) é único e *uno*, creem que, por mais que Ele seja bondoso e misericordioso, “No Último Dia julgaria os homens de acordo com os seus atos, enviando-os para o céu ou para o inferno”.²¹

Para o islamismo: “o Corão menciona sete céus como sete estágios de bem-aventurança. Após a morte são recebidas imediatamente no céu as almas dos mártires”.²² Este tem sido o lugar tão almejado pelos muçulmanos em todas as épocas, inclusive na atualidade.

5 O céu na sociedade Pós-moderna

A sociedade pós-moderna atravessa um período de desilusão em relação à Modernidade, que prometeu que, o progresso científico transformaria o mundo de maneira positiva e que a humanidade descobriria rapidamente uma “solução” para a felicidade. Contudo, essa expectativa se desfez, e a felicidade tão almejada não se concretizou. Em seu lugar, surgiu a infelicidade e um profundo vazio existencial que perturba incessantemente os indivíduos. Nesse contexto, a crença de que a ciência poderia fornecer um futuro radiante tem se mostrado ilusório, levando a uma reflexão crítica sobre os valores e promessas da era moderna. A busca por significado e satisfação tornou-se um desafio constante, revelando a fragilidade das certezas que antes sustentavam a esperança de um mundo melhor.

A sociedade contemporânea é marcada pela ambiguidade e pela falta de clareza sobre a razão de sua existência e o significado da vida. Essa incerteza se estende também ao campo da religião, da fé, de Deus e das instituições religiosas; todos esses elementos podem ser vistos como construções elaboradas pela própria

¹⁹ FERGUSON; WRIGHT, 2009, p. 557.

²⁰ RODRIGUES, Donizete. **O que é religião? a visão das ciências sociais**. Aparecida: Santuário, 2013. p. 31-32.

²¹ BEAVER, 1996, p. 311.

²² SCHLESSINGER, PORTO, 1995, p. 564.

humanidade, que buscam soluções para suas questões internas, tentando se apegar a algo que transcenda a experiência humana.

A noção de vida eterna e a ideia de um céu podem ser vistas como mais uma das inúmeras utopias concebidas ao longo da história da humanidade. Essas concepções, muitas vezes idealizadas, levantam questionamentos sobre a crença do homem moderno em tais promessas. É possível que, na contemporaneidade, a fé em utopias como a vida eterna e o céu tenha diminuído, refletindo uma desconfiança generalizada nas visões idealizadas do futuro. Assim, o homem atual pode se mostrar cético em relação a essas promessas, buscando significado em realidades mais tangíveis.

Tudo leva a crer que para a sociedade pós-moderna, a essência da vida reside nas experiências e nas escolhas que acontecem agora e não em promessas futuras.

Conclusão

De acordo com informações mencionadas neste ensaio, fica evidente que a concepção de céu transcende a esfera da religião cristã, estando interligada a diversas civilizações e culturas, desde as mais antigas até as contemporâneas. Assim, a ideia de céu não se limita a um único contexto religioso, mas reflete uma construção cultural que permeia a história da humanidade, revelando a diversidade de interpretações e significados atribuídos a esse conceito ao longo do tempo.

Contudo, ao longo dos anos, especialmente neste século que alguns classificam como pós-moderno, observa-se uma tendência acentuada de espiritualizar o conceito de céu. Essa transformação implica que o céu deixa de ser percebido como um espaço físico habitado por Deus e os anjos, de onde Ele governa o cosmos e, em um futuro, realizará o julgamento final sobre os vivos e os mortos. Essa mudança de perspectiva reflete uma nova abordagem em relação à espiritualidade, onde o céu é reinterpretado não apenas como um local de autoridade divina, mas como uma dimensão que transcende a realidade material. Assim, a visão tradicional do céu como um domínio separado e governado por Deus é gradualmente substituída por uma compreensão mais abstrata e imaterial, que busca integrar a experiência espiritual na vida cotidiana.

O céu não deve ser considerado uma narrativa fantástica ou uma lenda elaborada pelos nossos ancestrais, que foi posteriormente validada pela sociedade contemporânea. Em vez disso, ele representa uma aparência natural que transcende as interpretações simplistas e as opiniões populares. A concepção do céu vai além de meras histórias ou mitos, sendo uma realidade que desafia a imaginação e a compreensão humana. Assim, é fundamental abordar essa temática com um olhar crítico, reconhecendo a complexidade e a profundidade que o céu encerra em suas diversas manifestações.

Referências

BEAVER, R. Pierce *et al.* **As religiões do mundo: do primitivismo ao século XX.** Tradução de Manuel Cordeiro. São Paulo: Melhoramentos, 1996.

BROWN, Colin; COENEN, Lothar (Org.). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento.** Tradução de Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopédia de Bíblia de teologia e filosofia.** 5. ed. São Paulo: Hagnos, 2001.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O antigo testamento interpretado versículo por versículo.** São Paulo: Hagnos, 2000.

LIBÂNIO, João B; BINGEMER, Maria Clara L. **A libertação na história: escatologia cristã.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

REEBER, Michel. **Religiões: mais de 400 termos, conceitos e ideias.** Tradução de Luiz Cavalcanti Guerra. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

RODRIGUES, Donizete. **O que é religião? a visão das ciências sociais.** Aparecida: Santuário, 2013.

SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. **Dicionário enciclopédico das religiões.** Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes: Campus, 1995.

TENNEY, Merrill C. (Org.). **Enciclopédia da Bíblia.** São Paulo: Cultura Cristã, 2008.